

Para diferentes *Brasis*, semelhanças *por escrever*

Por Cecilia Ripoll e Diogo Liberano

N

o mesmo computador em que começo a esboçar este posfácio, tivemos os nossos encontros do *Brasis*.

No meio de 2020, eu e você chegamos a fazer uns poucos encontros presenciais, apenas nós dois, no meu apartamento na cidade do Rio de Janeiro, para tramar o que seria este projeto.

Brasis por escrever nasce de um desejo, um desejo simultaneamente vago e preciso, como costumam ser os desejos.

Lembro-me que você levou um mapa do Brasil, impresso num papel bem grande e com marcas de dobraduras e fitas adesivas antigas.

Queríamos formar uma turma com pessoas nascidas e crescidas nas cinco diferentes regiões do Brasil (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte). A proposta era que juntxs, além de estudarmos textos de autorxs brasileirxs, eu e Diogo orientaríamos a criação de dramaturgias que tematizassem a realidade sociopolítica do nosso país à luz da realidade de cada uma das regiões do Brasil.

É sempre importante destacar que o projeto não abriu vagas para pessoas nascidas e residentes na Região Sudeste. Foi você quem propôs isso, não foi? Lembro-me que quando você fez essa proposta, eu pensei: é isso, é exatamente isso.

Lembro-me também que uma pessoa interessada no projeto, no período das inscrições, mandou uma mensagem desaforada para o Platô dizendo algo tipo “como assim não tem vaga para a Região Sudeste?!”

Na convocatória lançada publicamente em outubro de 2020:

Brasis por escrever é um projeto voltado à formação de um laboratório intensivo para a pesquisa e a criação de dramaturgias que escrevam possibilidades outras a partir da realidade brasileira, orientado por nós, Cecília Ripoll e Diogo Liberano, dramaturgos e diretores teatrais, idealizadores do projeto e residentes na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

Selecionaremos seis (06) pessoas para integrar o *Brasis por escrever* em sua primeira edição: uma (01) pessoa nascida e residente na região Centro-Oeste do Brasil, duas (02) na região Nordeste, duas (02) na região Norte e uma (01) nascida-residente na região Sul. O projeto não oferecerá vagas para pessoas nascidas e residentes na Região Sudeste do Brasil, tendo em vista ser esta a Região onde nascemos e vivemos.

O projeto é gratuito e se dará por meio de um (01) encontro semanal no decorrer de aproximadamente seis (06) meses. Cada encontro terá duração de três (03) horas e será realizado virtualmente por meio da plataforma Zoom. Durante o período de realização dos encontros, além de estudos e análises de dramaturgias e textos filosóficos, cada um dos seis integrantes realizará a criação de uma (01)

dramaturgia tendo a nossa interlocução e orientação.

Brasis por escrever parte das seguintes perguntas: como um texto teatral pode se relacionar com a história recente do Brasil? Como uma dramaturgia pode responder aos acontecimentos públicos da vida social em cidades brasileiras? Será em resposta a tais perguntas que os integrantes darão início à criação de suas dramaturgias. Faremos um investimento especial no estudo e na leitura de obras literárias de autoras e autores brasileiros. Além de textos literários, sempre que possível, usaremos um repertório filosófico também brasileiro.

Antes de seguir, gostaria de pensar mais sobre a frase que abre este texto. “No mesmo computador em que começo a esboçar este posfácio” fiz muitas das reuniões com o Diogo e participei de todos os nossos encontros do *Brasis*, que aconteceram de dezembro de 2020 até julho de 2021. Terá sido ainda neste, neste mesmo computador, que li as dramaturgias produzidas por cada um dos cinco integrantes do *Brasis*.

Isso soa banal para você?

Talvez fosse banal se os anos de realização deste projeto não fossem 2020 e 2021; talvez fosse banal se não marcasse a primeira vez em que eu viria a desenvolver um projeto com integrantes cujos corpos eu nunca pude me aproximar senão por meio de um programa de computador/celular em que o mais perto que consegui chegar de alguém foi colocando a sua cara – em *pixels* – ocupando a tela inteira.



Aqui, tomo cuidado para não cair nessa esparrela-sentença de que a pandemia afastou as pessoas, mas ao mesmo tempo também aproximou, tendo em vista que somente por não ser em formato presencial esse projeto foi possível, uma vez que temos participantes de regiões tão distantes umas das outras em nosso mapa.

Aqui, tomo cuidado com as esparrelas pois desejo pensar sobre essas pedras falsas de raciocínio que por vezes insistem em continuar: "A pandemia afastou e ao mesmo tempo aproximou". Ora, mas já não é a própria pandemia

fruto desse algo que chamamos, ao mesmo tempo, de afastar e aproximar? Teria, em outros tempos e em outras configurações sociopolíticas, o vírus se espalhado na mesma velocidade e nos mesmos percursos mortais que traçou?

Juro que esse raciocínio ainda vai chegar no projeto em si. No entanto, precisava alertar – sobretudo para mim mesma – sobre esse vício de pensar as coisas em termos de prós e contras, esse vício que cheira um pouco a coluna de jornal neoliberal disfarçado de sensato.

Você como sempre desenterra umas palavras. Esparrela. Lembrou-me uma proposição sua, amiga, que norteou os nossos primeiros encontros do *Brasis*: foi precisamente no segundo encontro, na quarta-feira 13 de janeiro de 2021, quando você nos perguntou “Como desacostumar os termos badalados?”. Badalados.

Hoje, sinto que essa pergunta norteou o nosso projeto e o expandiu. Creio que estivemos atentxs não apenas aos termos badalados (às palavras e aos sentidos que mais escondem do que falam), mas, sobretudo, estivemos atentxs a uma espécie de pedagogia badalada.

Em outras palavras: estivemos atentxs, eu, você e a turma, para não cair nos modismos relativos aos modos de fazer e ensinar dramaturgia.

Com este adendo percebo a importância da interlocução dentro de um processo pedagógico conduzido por duas

pessoas; de fato, não tinha ainda percebido, mas aquela pergunta inicial desemboca justamente aqui, neste posfácio.

Como escrever um posfácio que reflita criticamente sobre um percurso e não seja um mero elogio ao que fizemos e ao que foi feito no *Brasis*?

Num contexto em que todas as coisas paridas virtualmente parecem precisar em alguma medida ter cheiro de sucesso, me alivia que uma pergunta como essa possa ser formulada.

Você disse que o *Brasis* nasceu do desejo e, de fato, o desejo parece desconhecer forma. Lembrando algo importante: o projeto, de acordo com o regulamento, selecionaria apenas 6 integrantes. Mas não foi isso o que aconteceu. Quando recebemos todas as inscrições, elas totalizavam 14 inscritxs.

Sim, fui eu.

Você inventou mais 2 ouvintes. Porém, entre nós, ser ouvinte não funcionaria porque gostamos da conversa. E assim entramos em contato com mais 2 pessoas e demos início ao *Brasis* com 8 integrantes: Carolina Queder, Denni Sales, Eduardo Lima, Janaína Fukuxima, Luan Almeida, Rafael Anaroli, Thais Vasconcelos e Thiago Dominoni¹.

¹ Os integrantes Luan Almeida e Rafael Anaroli estiveram nos primeiros encontros e, por motivos pessoais, não quiseram/puderam continuar. Outro integrante, Eduardo Lima, saiu do projeto faltando dois meses para a conclusão. Todos os três representavam a região Nordeste. Nesta primeira edição, contamos com cinco integrantes: Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

Disse lá em cima: “uma vez que temos participantes de regiões tão distantes umas das outras em nosso mapa.” Porém, distantes a partir de qual ponto de vista? Será o mesmo ponto de vista que, inversamente, nos faz afirmar que na Europa os países são todos muito próximos uns dos outros?

Tudo isso se liga (ainda que tal ligação esteja, por agora, um tanto confusa) com aquilo que talvez seja uma inquietação que esse projeto me deixa de herança. Voltando algumas casas, desejávamos, eu e Diogo, fomentar a produção de textos que tematizassem de alguma forma as distintas realidades sociopolíticas de nosso país.

Hoje percebo o quanto a própria convocatória do projeto talvez tenha sido genérica demais, vaga, excessivamente imensa. “Realidade sociopolítica do Brasil” não te soa algo muito badalado, muito totalitário demais, algo pouquíssimo específico?

Talvez. Mas, naquela época, o que estávamos buscando eram pessoas interessadas em compor textos que atravessassem problemas urgentes e singulares de suas respectivas regiões. Desejávamos que isso fosse feito a partir do olhar e da sensibilidade de autorxs nascidxs e residentes nas diferentes regiões do país.

E o que foi que aconteceu?

Responda você.

Eita. Sei lá, amiga. Sinto que chegamos a um ponto bastante nevrálgico do projeto. Sinto que a nossa fala está carregada com alguma derrota. Sinto que fomos derrotados pelo *Brasis por escrever* em relação a nossa ânsia por tocar em “todo o Brasil”. É como se as dramaturgias criadas pelos integrantes não tivessem sinalizado suas distintas regiões, é como se não tivessem conseguido falar das distintas e singulares agruras e/ou maravilhas vividas em cada região do país.

Ao mesmo tempo, isto que estou chamando de derrota, me chega também por outro sentido. Nossa fala também está carregada por esta derrota, ou seja, nossa fala ganha força e energia com esta derrota. Acredito que derrotamos, em nós e em nosso projeto, uma espécie de fetiche, de fetichismo mesmo, pois a despeito dos projetos e das projeções, a despeito das ideias que fizemos e tínhamos, sinto que nos provamos mais parecidos do que diferentes. Rompemos o deslumbre barato da diferença e, quer quiséssemos ou não, estivemos a todo o instante trabalhando em meio às semelhanças.

Em outras palavras: montamos um jogo a partir da dita diferença (outro termo tão importante quanto badalado) e aquilo que encontramos, para além dela ou mesmo nela, foi um punhado enorme de semelhanças.

Em nossos encontros e conversas, sinto que o arrepio de um continuava no outro, que determinado ponto de vista

trazido por alguém se completava com a fala de outro alguém.

Exatamente. A diferença, neste sentido, foi crucial não para que falássemos dela, mas para que encontrássemos algo que nos tornava, em primeiro lugar, humanos e, junto a isso, brasileiras e brasileiros.

Isto que estamos chamando de derrota é um saldo imenso e que nos solicita e ainda solicitará muita reflexão.

Muita. Penso também que, embora nosso fio condutor de idealização do projeto fosse calcado na perspectiva das diferentes regiões, o espaço da tela do celular, o espaço da tela do computador, ainda que plano, avançou sobre o projeto, nos impedindo de situar o lugar de encontro em algum ponto do mapa. Impedidos de nomear a ocorrência física num único lugar do país, nosso pacto foi se inserindo numa espécie de sexta região do Brasil, que não constava nos mapas. Afinal, onde aconteceram os nossos encontros? Onde fica a cidade brasileira Zoom? E se ficasse nalgum lugar, a Zoom, a cidade Zoom, seria por nós chamada de Zoom?

A cidade Zoom, no Brasil, talvez se chamasse Ampliação ou Nossa Senhora da Ampliação. Aquela cidade com vários climas no decorrer do ano, aquela em que num mesmo dia as pessoas vestem roupas de inverno e verão. Aquela cidade Ampliação que é diversa nos sotaques e que, no entanto, reúne, aproxima, abraça e costura. Ampliação. Em Ampliação chove muito e é muito seco, mas tudo isso ao

mesmo tempo. Em Ampliação os aviões passam rente aos telhados das casas, mas não batem nos imensos prédios desocupados e em ruínas.

A diferença entre nós se provou menos sedutora do que as semelhanças que encontraríamos e encontramos pelo caminho. Ainda que tivéssemos tentado falar das diferenças (dos sotaques, dos locais, dos climas etc.), ainda assim, o que ganhou foi o repertório das semelhanças que, talvez, nem sabíamos que existiria entre nós 7.

Curioso. Acabo de te ouvir e emerge bem de repente uma lembrança (aparentemente) aleatória. Num momento inicial de processo, pedimos aos integrantes da turma que indicassem a leitura de alguma dramaturgia de um(a) autor(a) nascido(a) em suas respectivas regiões. Um desses textos foi marcante pra mim.

Em 30 de janeiro de 2021, você enviou o seguinte e-mail:

Para o próximo encontro, solicitamos a leitura do entreato cômico *O PONTO*, de José de Lima Penante, referência trazida pela nossa Thais Vasconcelos.

O texto está em nossa pasta online e segue também anexo.

Lembro-me que pedimos à turma que escrevessem perguntas que pudessem abrir a conversa no encontro seguinte. Tenho elas aqui, anotadas:

CAROLINA – Sem o ponto, o que seríamos nós?

DENNI – O que o espírito do tempo de nossa época tem nos permitido enquanto autores de dramaturgias?

THIAGO – Que palavras evitamos na escrita de um texto por uma impressão de que ela não é falável?

THAIS – De que forma *O PONTO* poderia ser transposto para uma cena atual?

JANAÍNA – Como as figuras de linguagem (a própria polissemia) podem nos ajudar na escrita?

Por que será que a leitura dessa dramaturgia parece ter marcado um senso radical de diferença dentre as outras leituras que fizemos?

Fizemos muitas leituras, leituras muito variadas. Textos meus, seus, textos trazidos pela turma e, naturalmente, escritos por elxs. Mas estou desviando da questão que você traz. Você pergunta. Fizemos muitas perguntas, não?

Continuamos a fazer. Eu me indago agora. Na capa da edição de *O PONTO* diz assim: “Maranhão – 1870”. 1870. Um entreto cômico. Ali, naquele coletivo que formamos, a distância temporal da obra lida parecia instaurar diferenças de forma muito mais incisiva do que nossas distâncias geográficas. Seria isso uma marca de nosso tempo?

Não entendi muito bem. Pode dizer de outra forma?

Lembro que rimos e estranhamos e novamente rimos das diferenças de grafia e do modo de escrever.

SCENAS COMICAS

DE

JOSÉ DE LIMA PENANTE.

O PONTO.

DEPOIS DA FESTA DE NAZARETH.

O ACTOR NO CAMARIM.

PAIXÃO E TRAIÇÃO OU O INGLEZ MAQUINISTA

A SURPRESA.

José Ant. Lopes de Rego
J. P.



Maranhão - Outr. 3
1870

MARANHÃO—1870.

NA TYPOGRAPHIA DO FRIAS.

Lembro ainda que propusemos um jogo de escrita inspirado na estrutura daquela dramaturgia e que acabou gerando exercícios tão diversos e, simultaneamente, com os quais acredito que todxs nós tenhamos nos identificado de alguma maneira. E com essa lembrança meu olho se enche d'água; acredito que essa derrota do fetiche venha quando a gente constrói juntxs permissão para o desvio, para algum desvio. Desvio de propósito. Não quero demonizar o propósito. Talvez o propósito inicial seja importante justamente para que a gente tenha do que se desviar. E, de certa forma, essa conversa sobre propósito e desvio do propósito como parte do processo de criação, me puxa um pouco o fio que veio adiante em nosso processo, sobre a orientação das dramaturgias.

Certo, certo, você disse muitas coisas. Estou de acordo com você e me importa menos os nomes e conceitos e mais aquilo que saltou do nosso encontro: aquilo que se fez vibrar, que se fez tremer. Eis um aspecto determinante, pois ainda que eu e você tivéssemos planos de trabalho, que fizéssemos reuniões semanais, que compartilhássemos leituras e propostas diversas, ainda assim, penso que sempre estivemos assumidamente rendidxs pelos encontros, ou seja, disponíveis ao que eles pudessem escrever em nós.

O que o encontro com aquela turma nos solicitaria e como reagir a isso? Voltamos a falar de propósitos e desvios. Em outras palavras, acredito que estamos falando de pedagogia.

Quando que te leio tenho a impressão de que estou te ouvindo falar. É engraçado; só um adendo, desculpa. Mas desde que assisti sua performance *O narrador*, tenho a sensação de que você acabou de chupar um picolé de uva e pôde subitamente voltar a falar. Isso pode soar outro desvio aqui, mas acho que também fez parte de nosso *Brasis* pensar sobre essa relação que a escrita dramatúrgica tem com a oralidade idiossincrática de cada autor. Fecho parênteses!

Amo a palavra idiossincrática. Talvez eu dissesse/escrevesse peculiar. Isso me faz pensar sobre as palavras que afastam e aquelas que aproximam. Penso que, pedagogicamente, o que fizemos foi abrir possibilidades que precisariam, inevitavelmente, ser percorridas, desejadas, intencionadas por cada um(a) da turma. O jogo de traçar um propósito, de algum modo, parece convocar os desvios que serão feitos justamente em relação ao propósito. Parece que é nesse jogo de rasura, de traçar uma linha, percorrê-la até escorrer e/ou escorregar para fora dela, parece-me que é nesse jogo que encontramos a nossa voz e a voz de nosso texto (ou as tantas vozes que podemos ter, tanto nós como os textos).

E, por isso, tantos jogos e exercícios. Gosto de jogos e exercícios de escrita porque eles têm uma duração curta e nos convidam a chegadas que não estão longe demais. Está logo ali, basta jogar, às vezes dura uma semana, às vezes são poucos minutos. Com essas experimentações, sinto que exercitamos a relação entre propósito e desvio.

Ou seja, exercitamos algo que me parece determinante no trabalho criativo de uma dramaturgia: traçar objetivos e, ao mesmo tempo, estar disponível para as revelações que o exercício criativo pode abrir e te demandar.

Falávamos mais sobre escrever para encontrar o texto do que escrever porque já se sabia o que seria o texto.

Sim, sim. Dou um exemplo que me parece especial. Em nosso oitavo encontro, na quarta-feira 24 de fevereiro de 2021, perguntamos à turma: "De que modo vocês imaginam que será encontrado o estopim para as suas criações dramatúrgicas?"

Em especial, o que mais me importou das atividades e experimentações que fizemos foi aquilo que tais ações construíram: um senso de coletividade, de grupalidade, onde um integrante lia o texto de outra, que comentava o texto de outro etc.

Especificamente sobre o processo de criação das dramaturgias finais, acredito que tudo partiu das perguntas e daquilo que vínhamos experimentando. Não penso que tenhamos trazido à turma um e apenas um modo de fazer. O que fizemos foi perguntas e, em simultâneo, abrimos alguns caminhos operacionais. Por exemplo: trouxemos a discussão sobre imagens poéticas, fizemos jogos a partir de imagens geradoras, escrevemos títulos, sinopses, ou seja, estivemos a todo o instante atizando o surgimento, a aparição dos textos. Estivemos em conversa e, desde sempre, confiantes de que não diríamos o que fazer, mas

convidaríamos cada uma, cada um, a reagir ao jogo. Nesse sentido, o que sempre esteve em questão foi a autonomia e a liberdade criativa de cada autor(a). Mas, eis uma questão: como trabalhar em liberdade se eu não sei o que fazer com essa tal liberdade?

Risos.

Pergunta ingrata, perigosa, lembra aquela música; pergunta importante quando falamos de pedagogia. Abrimos espaços de liberdade, possibilidades, mas como você, autor(a), se relaciona com isso? Como você organiza o seu processo? Como faz escolhas? Quais escolhas? Você consegue fazer escolhas?

Você, autor(a), consegue organizar os movimentos, traçar as suas tarefas, cumprir com algumas tarefas que precisam ser feitas? Por isso perguntei o que fazer com essa tal liberdade e faço essa pergunta sendo crítico, sobretudo, em relação ao meu modo de ser professor e orientador. Do que adianta abrir, possibilitar, reunir trinta diferentes maneiras de fazer, se aquela(e) que eu oriento não sabe ou não consegue se relacionar com essa diversidade (liberdade) de modos?

Esse ponto é mesmo espinhoso. E, ao mesmo tempo, se a gente não se debate nele, parece que caímos naquela cilada\

Risos.

Naquela cilada que é oferecer formas, moldes ou trajetos pré-estabelecidos para “compor uma dramaturgia”. O que no fundo queria dizer “compor uma dramaturgia de sucesso”.

A tal da “fôrma”. Discutimos um bocado sobre isso. Penso que este é um ponto que nos convoca a uma escuta muito mais apurada e atenta. Escuta: outra palavra badalada, eu sei. Mas vamos lá: o que cada autor(a) precisa ou parece estar precisando? Como ser específico na abordagem que cada um(a) parece estar demandando?

De um modo geral, sinto que xs integrantes do *Brasis* já tinham e conquistaram e amadureceram ainda mais os seus modos de fazer. Nada disso foi fácil. Houve resistência e simultânea entrega.

Quando você fala de entrega e resistência, me dói que o Eduardo tenha saído do projeto antes de finalizar o processo.

Pois é. O Dudu estava encontrando algo muito interessante nesse diálogo entre resistir às demandas do texto e se entregar à aventura que o processo de criação textual o convidava a viver.

Eu percebia nele simultaneamente muita resistência e muita entrega. E penso que a sua dramaturgia final, se tivesse sido concluída, refletiria na própria trama este embate entrega-resistência. Pelo menos assim se desenhava, até o ponto onde ele parou.

Quando penso no *Brasis*, o que mais me interessa é saber que, de algum modo, de vários modos, aquilo que fizemos

ali não terminará – em hipótese alguma – em textos publicados em arquivos PDF. A qualidade de nossos encontros e conversas se conservará nas pessoas que ali estiveram e que desejaram juntas em Ampliação. Um encontro que escreve relações e discussões, mais do que apenas textos.

Abro o meu arquivo “Brasis por escrever – Relatório dos encontros.docx” com quase 60 páginas escritas. Neste arquivo, anotei todo o percurso criativo. Passando as páginas, observo a presença constante e inabalável dos pontos de interrogação. Como fizemos perguntas, Cecilia! Como escrevemos perguntas!

Perguntas com ponto de interrogação e sem pontos de interrogação.

Ao mesmo tempo, penso que, talvez, amiga, se fizemos uma nova edição do *Brasis*, a única mudança que eu gostaria de propor seria em relação à duração do projeto. Eu adoraria ter cruzado um longo ano junto a essa turma ou, sei lá, ao menos 10 meses.

Tempo próxima da gestação. Quis escrever “tempo próximo” e sem querer saiu “tempo próxima”. Tempo da próxima gestação.

Foram muitas gestações. Essa palavra: gestação. Faz-me pensar em gesto. O processo de gestar, de gesticular, de agir um gesto. Fizemos gestos, escrevemos textos e cada texto escrito imprimiu – gesticulou – uma (sua) visão de mundo. Quando penso sobre os textos criados pelxs cinco

autorxs, penso menos nos textos e mais no processo criativo de cada um(a). Honestamente, é como se eu dissesse que o texto não importa. Ou ainda: que importa mais o contexto do que apenas e somente o texto. Ao mesmo tempo, é engraçado, o exercício da leitura é um contexto, é um estar com o texto.



Platô - Pesquisa e Produção <platopesquisaeproducao@gmail.com>

Brasis por escrever - Encontro #25

1 mensagem

Platô - Pesquisa e Produção <platopesquisaeproducao@gmail.com>

11 de julho de 2021 16:08

Para: Carolina Nogueira Queder <carol.q.d@hotmail.com>, Cecilia Ripoll <ceciliaripoll@gmail.com>, Denni Sales Alves <dennisales@outlook.com>, Janaina Fernanda Santos <ninafukushima@gmail.com>, Thais Vasconcelos Franco de Sá Ávila <thaiseventos3@gmail.com>, Thiago Dominoni <thiagodominoni23@gmail.com>

Olá, Brasis

Brasis por escrever - Encontro #25

Quarta-feira, 14 de julho de 2021

De 20h às 23h (horário padrão de Brasília)

<https://us02web.zoom.us/j/84890084061>

Deste encontro #25 até o #27, ou seja, nas três últimas semanas de nosso *Brasis*, faremos um jogo de leitura e avaliação das dramaturgias. Funcionará da seguinte maneira:

- 1 - Acessem a nossa pasta "Brasis por escrever - Avaliações das dramaturgias" (<https://drive.google.com/drive/folders/1WeCKhJM1RR9xz84eunGI-W1XnKvuDlun?usp=sharing>);
- 2 - Confiram o arquivo PDF: "Brasis por escrever - Cronograma de encontros...";
- 3 - Neste arquivo, há um cronograma de leitura onde **cada um(a) de vocês deverá fazer a leitura de uma dramaturgia a cada semana**. Cada um(a) lerá três dramaturgias que não seja a própria;
- 4 - Após a leitura da dramaturgia indicada no cronograma (as dramaturgias estão presentes na pasta "Dramaturgias - V.1"), cada um(a) deve **fazer o download da ficha de avaliação correspondente à semana e preenchê-la** a partir do texto lido;
- 5 - **Salvem essa ficha preenchida por vocês** de modo que ela possa ser lida em cada um dos encontros e, na sequência, enviada para xs autorxs do texto avaliado;
- 6 - A cada quarta, após comentarmos os textos, cada autor(a) terá cerca de três a quatro dias (até o domingo de cada semana) para fazer modificações em seu texto, colocando uma nova versão nas pastas que indicam as novas versões das dramaturgias.

Espero que tenham conseguido entender a dinâmica. Qualquer dúvida, mandem no nosso grupo do WhatsApp. Ainda está faltando receber o texto do Thiago que, imagino, chega ainda hoje (domingo).

Beijos,
Liberano

--

—**Platô**—
www.p-l-a-t-o.com



Brasis por escrever - Cronograma de encontros....pdf
130K

Foram escritas cinco dramaturgias (em ordem alfabética):

A TOWER QUE TE LEVA PRASTARS por Janaína Fukuxima;

BURBURINHOS por Thiago Dominoni;

CRIANÇA LOUCA ou *Aglhas na boca* por Denni Sales;

E se o ventilador me matasse? por Thais Vasconcelos;

E PRIMAVERA DOS OSSOS por Carolina Queder.

E voltando ao jogo das diferenças e das semelhanças, diria que essas dramaturgias são muito diferentes entre si e, ao mesmo tempo, é inegável que conservam algo íntimo que é fruto do nosso encontro.

É como se a nossa discussão fosse o sangue que corre pelos textos, porém, cada qual agindo e se mostrando do seu modo singular. Dito de outra forma: o sangue é o elemento que transporta os nutrientes para o corpo do texto. Sem o sangue, o corpo (o texto) estaca, perde a vida, não consegue agir nem dizer. E esse é o ponto: o sangue que corre nestes textos é sangue coletivo, sangue brasileiro, sem dúvida. É coletivo porque a dimensão nutritiva desse sangue foi gestada por uma alquimia coletiva: nele estão as nossas perguntas, as pausas e silêncios, as risadas e noites inúmeras em que nos encontramos em Ampliação. É neste sangue que estão reunidas algumas habilidades, alguns modos de fazer, algumas capacidades que possibilitaram que cada texto vingasse o seu corpo e a sua presença no mundo.

Com *A TOWER QUE TE LEVA PRA STARS*, sinto que a Jana (Janaína Fukuxima) tocou num aspecto bastante crítico sobre a criação dramatúrgica. Para mim, tal aspecto é justamente como não ser amigo(a) da poesia, como desconfiar da facilidade imensa que é escrever um jogo de linguagem (uma construção poética) e dar-se por satisfeito(a).

Sinto que a Jana avançou com muita disponibilidade e dedicação a um jogo simultaneamente poético e objetivo.

Exatamente. Sinto que ela conseguiu fazer da dimensão poética do texto dela uma engrenagem que ofereceu à dimensão objetiva algum contraponto.

Aquilo que acontece com os personagens dela acaba saindo deles e vindo para nós, leitorxs. Sinto que *A TOWER* é um texto conciliador, pois fala e escuta, pois junta em vez de separar.

Lembro que o processo criativo começou com a Jana sabendo mais sobre a coisa toda e terminou com ela ouvindo aquilo que o texto e seus personagens poderiam lhe ensinar. É um texto confessional, porém, não feito uma confissão da autora apenas, mas também feito de confissões daqueles seres inventados (observados) por ela.

Lembra um pouco *BURBURINHOS*, o texto do Thiago.

De fato, o Thiago (Dominoni) viveu um dilema parecido ao da Jana.

Lembrando que os dois moram em Curitiba/PR.

A ênfase poética é fortíssima no Thiago. Lembro-me de algumas palavras que ele sempre dizia em nossos encontros, como lonjura, pequenez, singeleza, ou seja, um repertório de palavras que já escapavam de um palavrório mais comum e ordinário. Como, então, compor uma dramaturgia que sendo quem ela é, ainda consegue ser e estar no mundo, neste mundo?

A fábula do Thiago deu voltas, parecia que fugia dele, mas o processo dele também foi corajoso porque ele não desistiu.

Lembro-me de comentar as primeiras versões e de pensar muito: será que dizer isso vai ajudar ou atrapalhar o Thiago? Será que não dizer é algo realmente honesto? E ao optar por dizer-lhe tudo, felizmente, o que recebemos de volta foi a confiança e o labor de um autor que tanto firma aquilo que acredita (porque sente) como faz uso daquilo que recebe como crítica e comentário (porque confia).

Olho para a trama dele, junto com a trama da Jana, e te pergunto, amigo: já não estamos falando de questões urgentes e contraditórias do nosso Brasil?

Sem dúvida, não? Veja *CRIANÇA LOUCA* ou *Agulhas na boca* escrita pelo Denni Sales. Uma saga, uma epopeia, uma trama de simultânea aventura: aventura exterior, aventura íntima-interna.

É uma road-dramaturgia, um texto que se escreve simultaneamente com falas diretas dos personagens e ações físicas deles.

Penso que o texto do Denni é um exercício muito rico de intertextualidade. Há um texto explícito e outro texto mais íntimo. Um mais forte e evidente (a trama visível dos acontecimentos) e outro menos evidente, mas também vivíssimo, correndo por dentro. Sinto que a dramaturgia sabe bem disso e vai buscando maneiras de vazar um texto no outro. Por isso disse intertextualidade porque a delícia do texto está no entre textos, porém, os diferentes textos não são propriamente amigos. Um texto parece anular o outro e a energética da dramaturgia parece estar nessa tentativa de aproximação dos distintos textos: como o trauma pode ser desfeito?

Penso (e leio) que *E se o ventilador me matasse?* escrito pela Thais Vasconcelos seja o texto mais metalinguístico do nosso *Brasis*. Não metalinguístico no sentido de o texto falar sobre si próprio, mas em relação ao processo da autora e a vida de sua personagem: parece que o movimento da Thais enquanto autora está diretamente conectado ao movimento da personagem Gule.

De fato. Foi um processo difícil para a Thais e, ao mesmo tempo, concordo com você porque reconheço que ela conseguiu se ancorar na própria realidade de seu processo criativo, ou seja, nisso que poderíamos chamar de alguma dificuldade. O texto da Thais me faz pensar na dramaturgia

como uma reação, como um texto que manifesta uma ação responsiva: diante de uma dificuldade, sente-se isso, se diz aquilo, faz-se aquilo outro. E justo aí, no encontro-embate com os limites que se impõem, é que a poesia da Thais floresce.

A poesia da Thais, voltando à metalinguagem, se manifesta de um modo alegre, perspicaz, muito semelhante à presença dela em nossos encontros.

Daí chegamos em *PRIMAVERA DOS OSSOS* escrito pela Carol (Carolina Queder). E o que lemos é um trabalho absolutamente minucioso de composição. A Carol tinha desejos, tinha querer e soube orquestrar de um modo muito rigoroso aquilo que sobreviveria ou não no texto final. Abandonou escolhas que eram certas e foi, com calma e ímpeto, deixando o texto se tornar algo próprio, específico.

Lembro que ela queria escrever uma dramaturgia com muitos personagens, não era? E sinto que ela fez isso, porém, de um modo em que os personagens não estão ali simplesmente porque a autora quis que eles estivessem. Os personagens foram sendo mexidos, remexidos, vestidos e despidos.

Gosto de ler a dramaturgia dela como um texto sobre o amadurecimento e a inevitabilidade da vida que traz consigo também mortes e finitudes. É um texto sobre como continuar a despeito de.

Leio a dramaturgia e, página a página, o que sinto é intimidade. Sinto-me dentro da casa, sinto-me bem próximo ao suor frio das personagens, quase posso sentir o piscar dos olhos, as descidas pela escada, as orelhas entreouvindo o que acontece no cômodo ao lado.

É mesmo. Parece que eu ainda vou ficar um bom tempo sentado naquele quintal, ao lado da Licinha, agora Alice, contemplando aqueles túmulos todos.

De um modo geral (posso dizer esta palavra), os cinco textos foram criados e calibrados na liberdade daquilo que pode uma dramaturgia. A dramaturgia pode, no entanto, não sabemos ainda o que ela pode porque ela não para de poder. E é nesse sentido que tais criações são o que são, justamente porque suas autoras e seus autores permitiram que seus textos pudessem virar aquilo que provavelmente nem elxs sabiam que seus textos poderiam se tornar.

Ingenuidade ou não, agora percebo e afirmo, amiga: tais dramaturgias estão sim falando do nosso Brasil (de nossos Brasis). Talvez não falem diretamente sobre a questão tal (as milícias, o desmatamento, a violência contra a mulher, a corrupção midiática, os descalabros do governo federal, a ditadura militar, o racismo estrutural e a lista não acabaria, a lista não acaba), mas são dramaturgias que falam subjetivamente, falam via ficção, preocupadas em compor vidas para que possamos – rente a tais vidas inventadas – roubar-lhes seus dilemas e fazê-los interpelar as inúmeras realidades sociopolíticas de nosso país tão plural.

Essa conversa não acaba aqui, né?

Não mesmo, amiga.

Texto escrito de novembro a dezembro de 2021

Este texto foi escrito como uma das ações de conclusão do projeto *Brasis por escrever*, uma realização do **Platô – Pesquisa e Produção**, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecilia Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

Agradecemos às parceiras Rachel Almeida (Racca Comunicação – Assessoria de imprensa) e Thaís Grechi (Fotografia).

